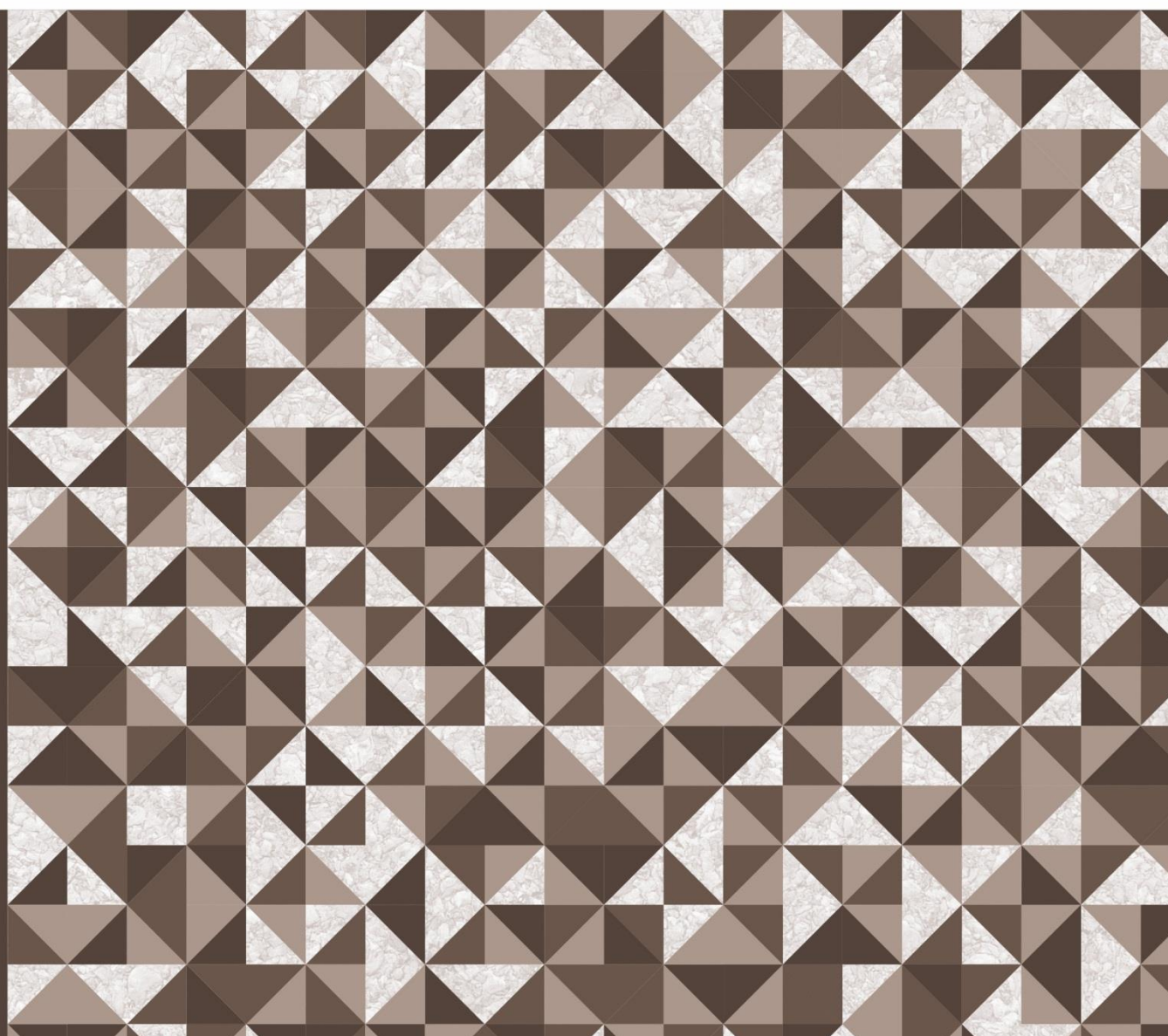


# Sistema Bancário Português: desenvolvimentos recentes

2.º trimestre de 2017



BANCO DE PORTUGAL  
EUROSISTEMA



Lisboa, 2017 • [www.bportugal.pt](http://www.bportugal.pt)

Redigido com informação disponível até 20 de setembro de 2017.

Sistema Bancário Português: desenvolvimentos recentes • Banco de Portugal | Rua Castilho, 24 | 1250-069 Lisboa • [www.bportugal.pt](http://www.bportugal.pt) • Edição Departamento de Estabilidade Financeira • Design Direção de Comunicação | Unidade de Imagem e Design Gráfico • ISSN 2183-9646 (*online*)

# Índice

1. Sistema bancário português – Avaliação global | 4
2. Indicadores macroeconómicos e financeiros | 5
3. Sistema bancário português | 7
  - 3.1. Balanço | 7
  - 3.2. Liquidez e financiamento | 8
  - 3.3. Qualidade dos ativos | 10
  - 3.4. Rendibilidade | 11
  - 3.5. Solvabilidade | 13

# 1. Sistema bancário português – Avaliação global

## Balanço

No segundo trimestre de 2017, o ativo total do sistema bancário diminuiu ligeiramente. Assinala-se a continuação da redução da carteira de empréstimos a clientes que foi parcialmente compensada pelo crescimento da carteira de títulos de dívida pública.

Os depósitos de clientes permaneceram estáveis.

## Liquidez e financiamento

O financiamento obtido junto do Eurosistema decresceu no segundo trimestre, contrariamente ao verificado no trimestre anterior.

Os indicadores de liquidez do sistema bancário registaram uma melhoria, em linha com os últimos trimestres. A liquidez das instituições domésticas, medida pelos *gaps* de liquidez, aumentou, mantendo-se assim num nível confortável.

## Qualidade dos ativos

O rácio de empréstimos *non-performing* voltou a diminuir no segundo trimestre de 2017, refletindo uma redução do valor dos empréstimos *non-performing* superior à verificada no total de empréstimos. Esta evolução do rácio foi comum a todos os segmentos.

## Rendibilidade

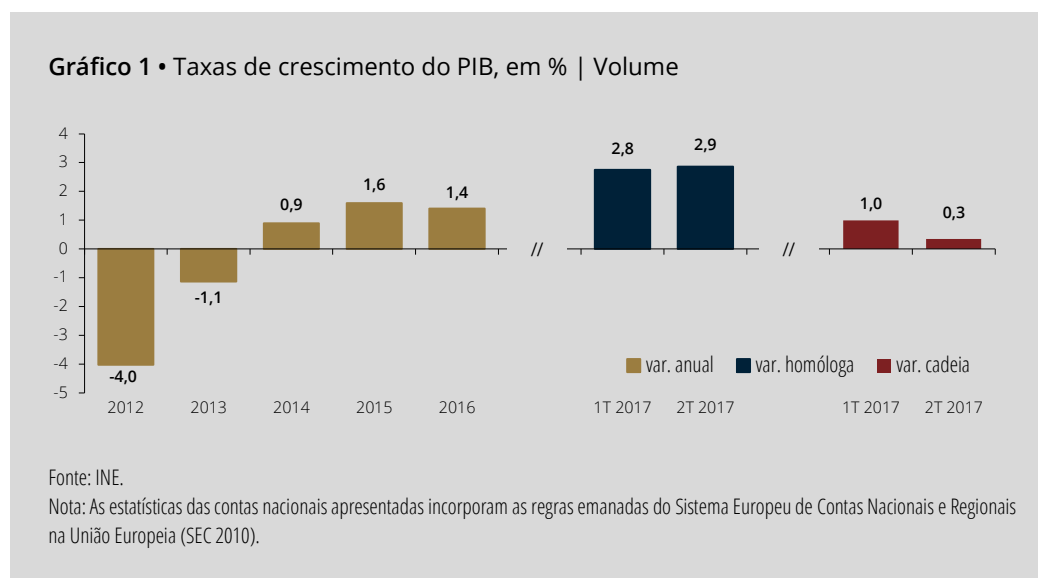
A rendibilidade do sistema bancário foi positiva no primeiro semestre de 2017, o que compara com o valor praticamente nulo observado no período homólogo.

A melhoria da rendibilidade face ao primeiro semestre de 2016 deveu-se, sobretudo, a uma redução substancial do fluxo de imparidades.

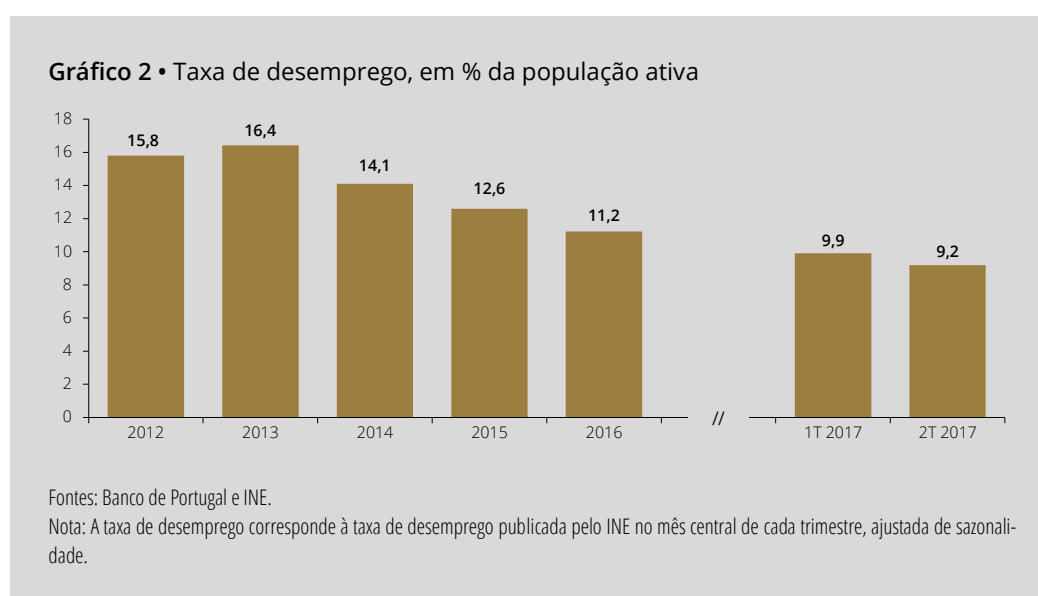
## Solvabilidade

Os níveis de solvabilidade aumentaram no segundo trimestre de 2017, devido ao aumento dos capitais próprios do sistema bancário e à redução dos ativos ponderados pelo risco.

## 2. Indicadores macroeconómicos e financeiros

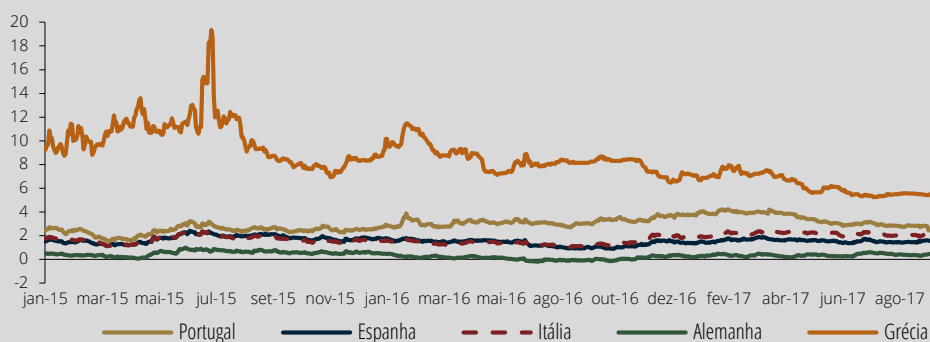


- O crescimento do PIB, em termos homólogos, cifrou-se em 2,9%, um valor ligeiramente superior ao do trimestre anterior (2,8%).
- No segundo trimestre de 2017, o PIB cresceu 0,3% em cadeia, o que representa um abrandamento face ao crescimento observado no trimestre anterior.



- A taxa de desemprego situou-se em 9,2%, no segundo trimestre de 2017, diminuindo 0,7 p.p. face ao trimestre anterior.
- Em termos homólogos, a taxa de desemprego decresceu 2,1 p.p.

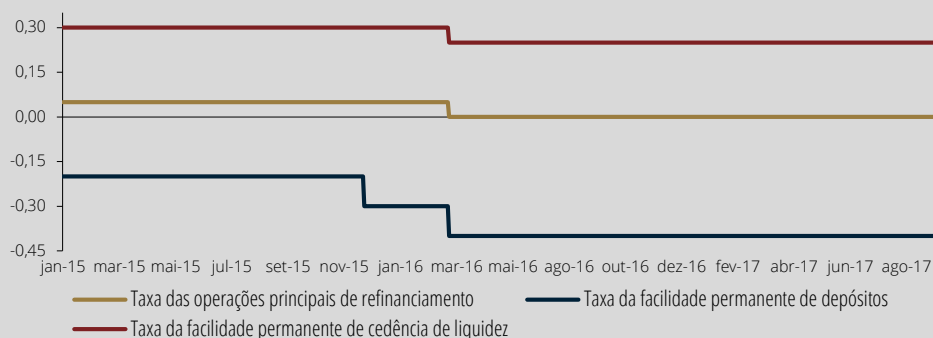
Gráfico 3 • Taxas de rendibilidade da dívida pública a 10 anos, em %



Fonte: Thomson Reuters.

- A taxa de rendibilidade implícita (*yield*) da dívida pública portuguesa a 10 anos decresceu mais de 90 pontos base entre 31 de março de 2017 e 30 de junho de 2017, tendo o *spread* face à dívida pública alemã diminuído 108 pontos base. Esta dinâmica de decréscimo da *yield* tem persistido ao longo do terceiro trimestre de 2017, observando-se uma redução adicional de 58 pontos base entre 30 de junho e 19 de setembro de 2017. Para esta evolução terão contribuído, *inter alia*, a melhoria do *outlook* da dívida pública portuguesa, de estável para positivo, por parte da Fitch e da Moody's e, mais recentemente, a subida do *rating* para nível de *investment grade* por parte da Standard & Poor's.

Gráfico 4 • Taxas de juro do BCE, em %

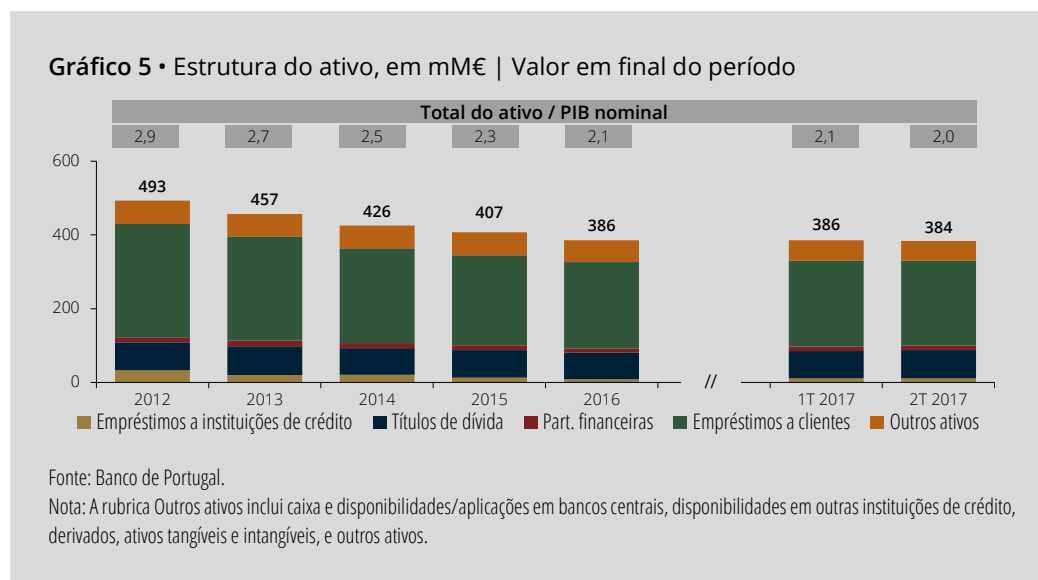


Fonte: BCE.

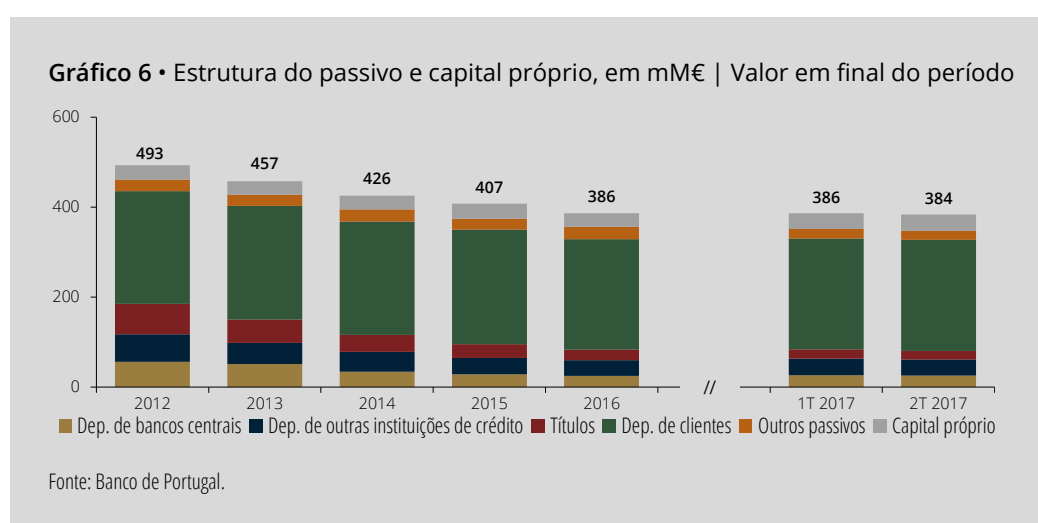
- As taxas de juro do BCE continuam estabilizadas desde março de 2016: a taxa de facilidade permanente de depósitos em -0,40%, a taxa das operações principais de refinanciamento em 0% e a taxa da facilidade permanente de cedência de liquidez em 0,25%.
- A natureza acomodatória da política monetária, incluindo o programa de compra de ativos por parte do BCE, continua a refletir-se nos níveis das taxas de juro interbancárias de referência.

## 3. Sistema bancário português

### 3.1. Balanço

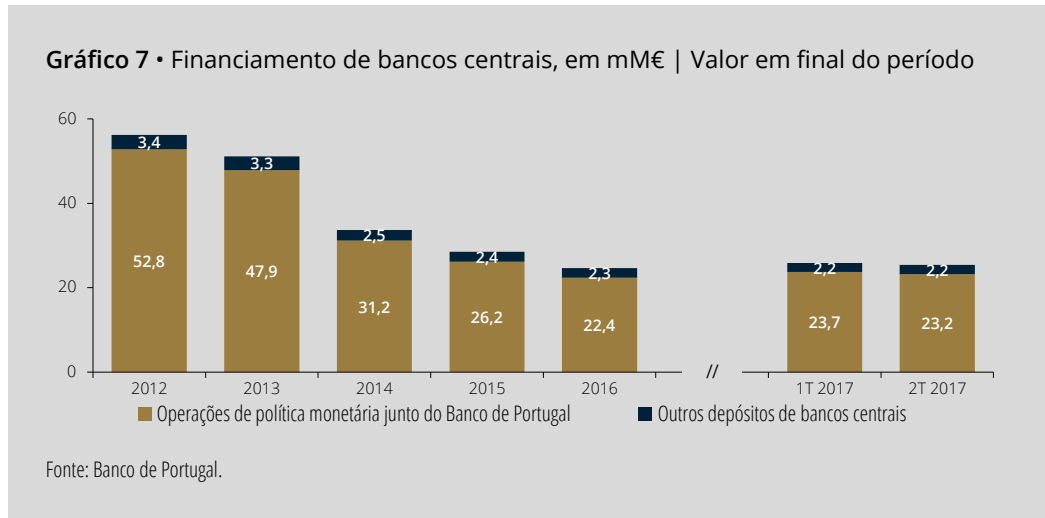


- No segundo trimestre de 2017, o ativo total do sistema bancário português diminuiu 0,6% face ao trimestre anterior. Esta evolução caracteriza-se, principalmente, por uma redução da carteira de empréstimos a clientes e da rubrica referente a Outros ativos e, em sentido contrário, por um aumento da carteira de títulos de dívida emitidos pelas Administrações públicas, nomeadamente de Portugal.
- A diminuição da carteira de empréstimos a clientes reflete, sobretudo, uma diminuição dos empréstimos a Sociedades não financeiras.

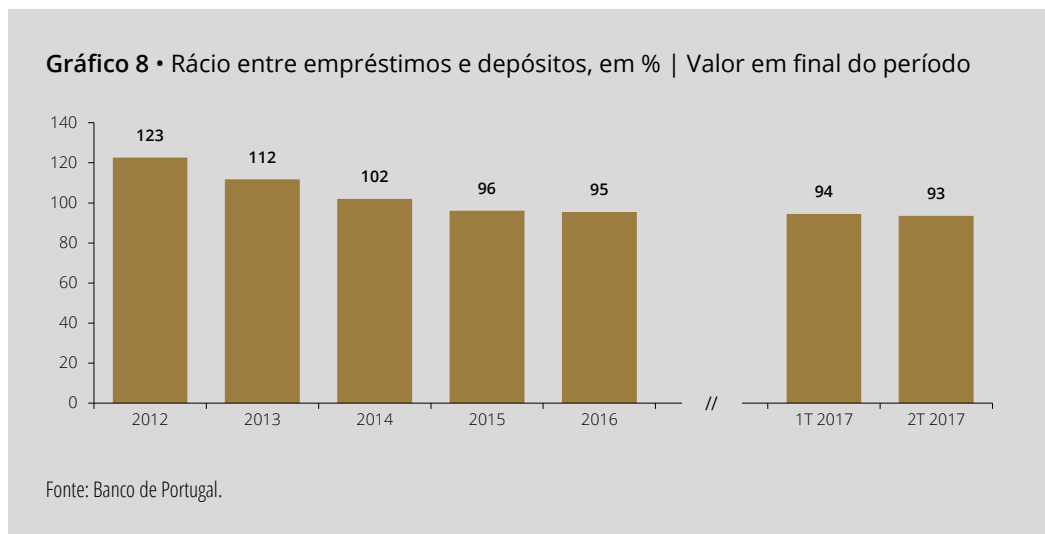


- No tocante ao passivo e capital próprio, é de destacar a estabilidade dos depósitos de clientes no trimestre. Por sua vez, os depósitos de outras instituições de crédito decresceram 4,5%, sendo que, em termos do total do ativo, o peso destes diminuiu 0,4 p.p. para 9,2%.

### 3.2. Liquidez e financiamento

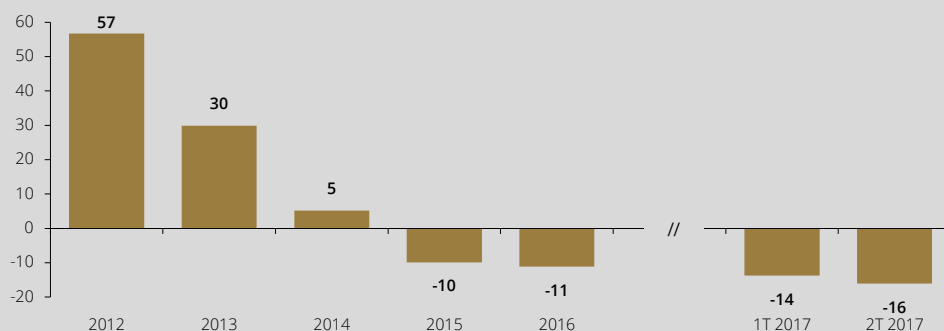


- O financiamento com recursos de bancos centrais decresceu 1,9% no segundo trimestre de 2017, refletindo uma diminuição das operações de política monetária junto do Banco de Portugal. Em percentagem do ativo, o financiamento proveniente de bancos centrais cifrou-se em 6,6%, valor virtualmente idêntico ao do trimestre anterior.



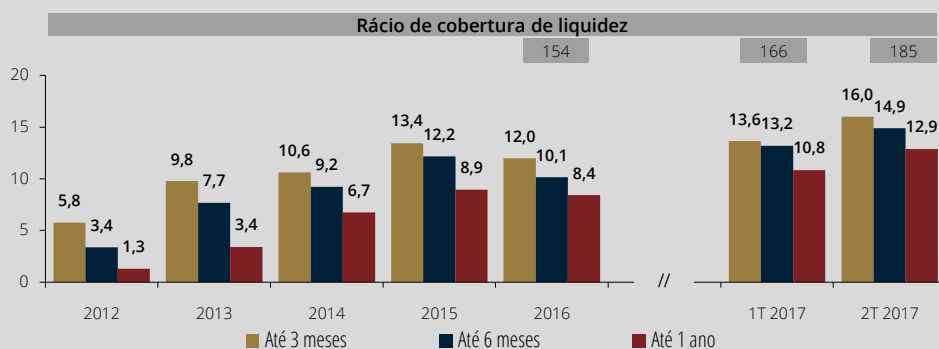
- O rácio entre empréstimos e depósitos de clientes situou-se em 93% no segundo trimestre de 2017, tendo decrescido aproximadamente 1 p.p. face ao trimestre anterior. Esta evolução é resultado de uma diminuição dos empréstimos e de uma manutenção dos depósitos.



**Gráfico 9 • Gap comercial, em mM€ | Valor em final do período**

Fonte: Banco de Portugal.

- O *gap* comercial (diferença entre empréstimos e depósitos) diminuiu cerca de 17,2% no segundo trimestre de 2017, situando-se em -16 mM€.

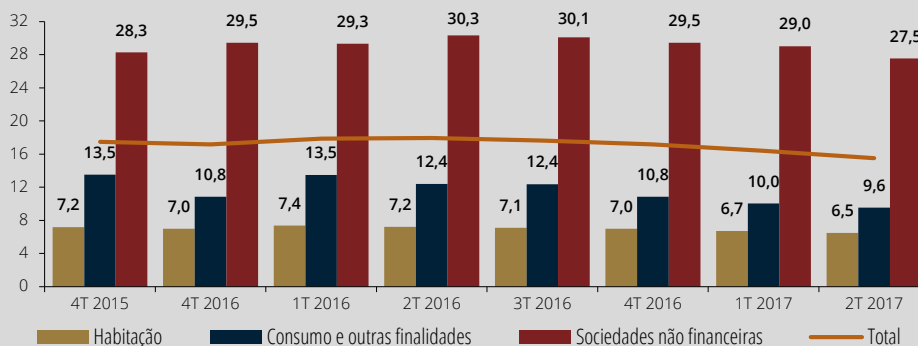
**Gráfico 10 • Gaps de liquidez das instituições domésticas<sup>(a)</sup> e rácio de cobertura de liquidez (RCL)<sup>(b)</sup>, em % | Valor em final do período**

Fonte: Banco de Portugal.

Notas: a) O *gap* de liquidez define-se como a diferença entre ativos líquidos e passivos voláteis em proporção da diferença entre ativo total e ativos líquidos, em cada escala cumulativa de maturidade residual. Um aumento neste indicador traduz uma melhoria da posição de liquidez. b) O rácio de cobertura de liquidez (*liquidity coverage ratio*) resulta da divisão entre os ativos líquidos não onerados e de qualidade elevada, e o total de saídas líquidas de fundos durante um período de tensão de 30 dias de calendário.

- O rácio de cobertura de liquidez do sistema bancário português aumentou 18 p.p. para 185%, devido a um aumento dos ativos líquidos detidos pelas instituições.
- À semelhança do trimestre anterior, os *gaps* de liquidez das instituições domésticas aumentaram em todos os prazos de maturidade considerados.

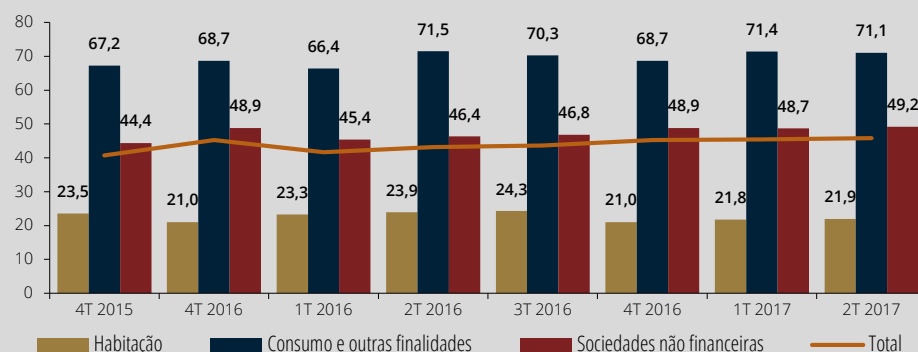
## 3.3. Qualidade dos ativos

Gráfico 11 • Rácio de empréstimos *non-performing*, em % | Valor em final do período

Fonte: Banco de Portugal.

Nota: O rácio de empréstimos *non-performing* corresponde ao montante de empréstimos *non-performing* em relação ao total de empréstimos, de acordo com os ITS da EBA.

- O rácio de empréstimos *non-performing* cifrou-se em 15,5% no segundo trimestre de 2017, reduzindo-se 0,9 p.p. face ao trimestre anterior. A diminuição de 6,1% dos empréstimos *non-performing* (efeito numerador), mais do que compensou o decréscimo do total de empréstimos (efeito denominador). Esta variação dos empréstimos *non-performing* configura a maior descida trimestral desde dezembro de 2015, sendo que desde junho de 2016 o seu valor decresceu 16,2%.
- O decréscimo do rácio total de empréstimos *non-performing* no segundo trimestre de 2017 reflete uma evolução positiva em todos os segmentos, embora mais significativa no segmento das Sociedades não financeiras. A diminuição de 1,5 p.p. observada no rácio do segmento das Sociedades não financeiras traduz uma redução de 2,1 mM€ (7%) dos empréstimos *non-performing* no segundo trimestre (5,9 mM€ desde junho de 2016, o que corresponde a uma queda de 18%).

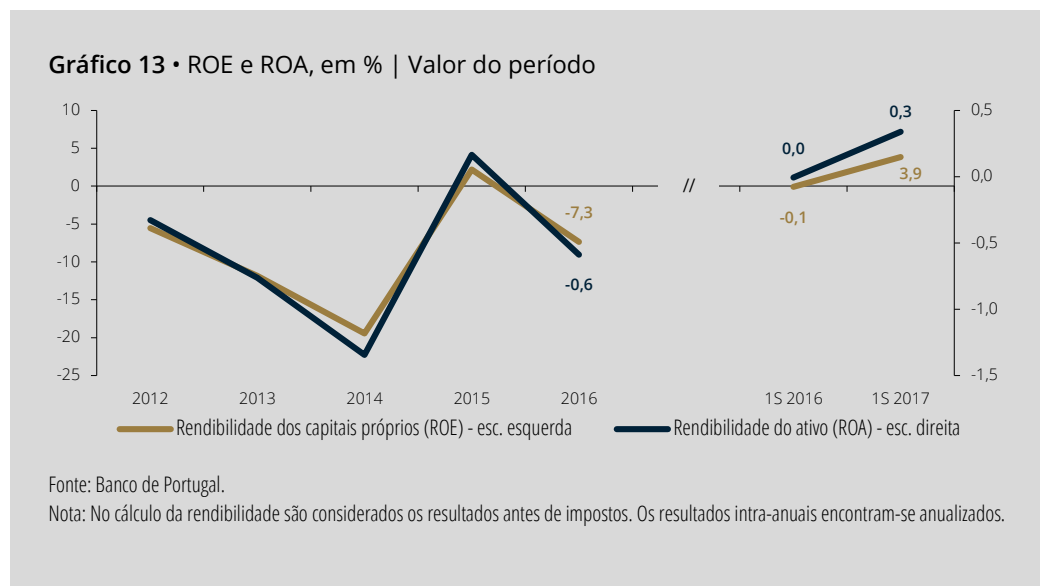
Gráfico 12 • Rácio de cobertura dos empréstimos *non-performing*, em % | Valor em final do período

Fonte: Banco de Portugal.

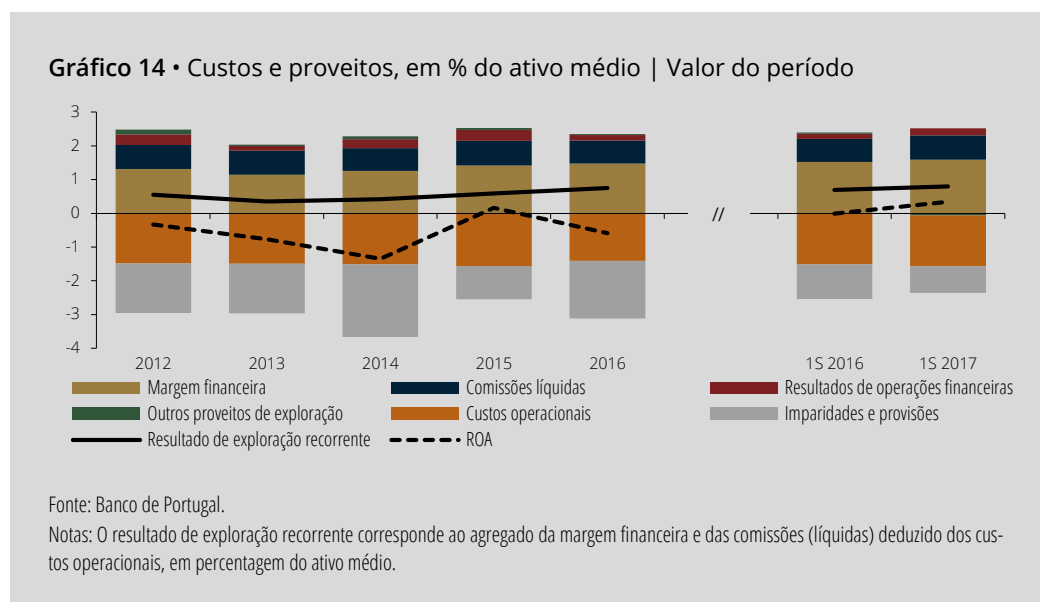
Nota: Por rácio de cobertura entende-se a percentagem de empréstimos *non-performing* que se encontra coberto por imparidades.

- No segundo trimestre de 2017, o rácio de cobertura de empréstimos *non-performing* por imparidades cifrou-se em cerca de 46%. O rácio de cobertura respeitante às Sociedades não financeiras registou um ligeiro reforço para 49,2%, devido à redução dos empréstimos *non-performing* (efeito denominador).

### 3.4. Rendibilidade

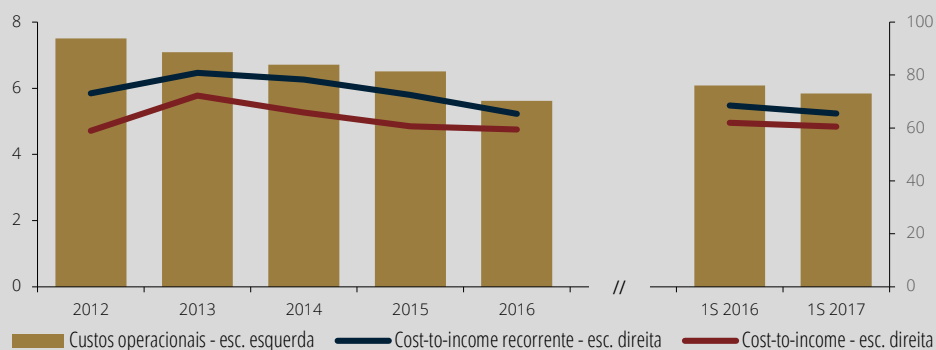


- A rendibilidade dos capitais próprios e do ativo foi positiva no primeiro semestre de 2017, contrastando com o valor virtualmente nulo observado no semestre homólogo. Face ao período homólogo, a rendibilidade dos capitais próprios cresceu 3,9 p.p. enquanto a rendibilidade do ativo aumentou 0,3 p.p.
- Num contexto de queda ligeira do produto bancário, o aumento da rendibilidade face ao primeiro semestre de 2016 reflete uma diminuição considerável do fluxo de imparidades, em especial para crédito.



- A margem financeira permaneceu virtualmente inalterada face ao primeiro semestre de 2016, refletindo reduções similares dos juros recebidos e dos encargos com juros. Contudo, o seu contributo para o ROA aumentou ligeiramente, face à redução do ativo total.

**Gráfico 15 • Custos operacionais e rácios *cost-to-income*, em mM€ e em % | Valor do período**

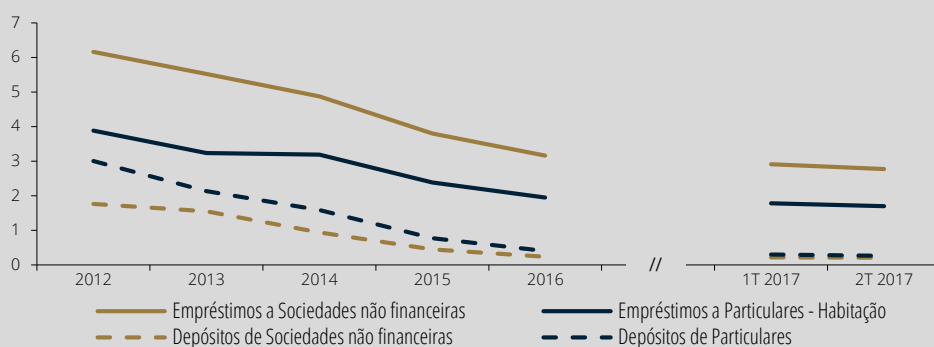


Fonte: Banco de Portugal.

Nota: O rácio *cost-to-income* recorrente corresponde aos custos operacionais em percentagem do agregado da margem financeira e das comissões (líquidas).

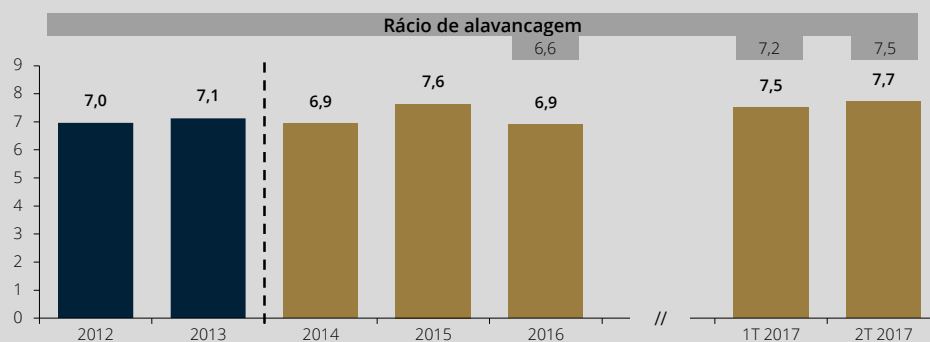
- O rácio *cost-to-income* do sistema bancário cifrou-se em cerca de 61% no primeiro semestre de 2017, o que representa uma redução de 1,4 p.p. face ao valor observado no período homólogo. Esta evolução traduz uma redução dos custos operacionais superior à verificada no produto bancário.
- No primeiro semestre de 2017, o rácio *cost-to-income* recorrente diminuiu cerca de 3 p.p., em termos homólogos, situando-se aproximadamente em 65%. Este decréscimo reflete, essencialmente, uma redução dos custos operacionais.

**Gráfico 16 • Taxas de juro bancárias de novas operações, em % | Valor médio do período**



Fonte: Banco de Portugal.

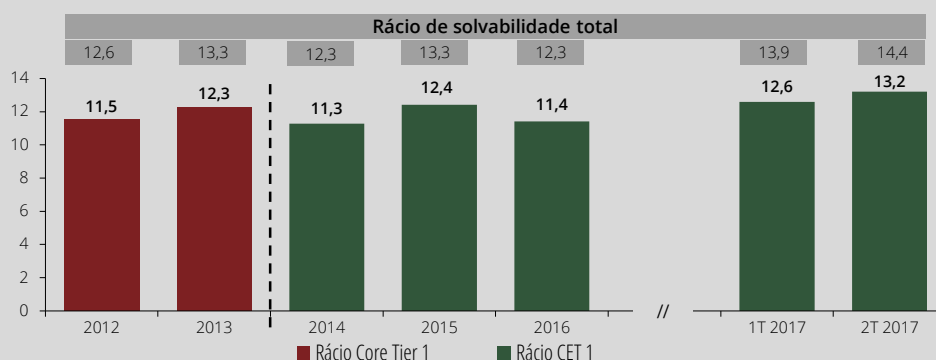
- À semelhança dos períodos anteriores, as taxas de juro de novos empréstimos a Particulares – Habitação e a Sociedades não financeiras diminuíram no segundo trimestre de 2017 (9 pontos base e 13 pontos base, respetivamente).
- O custo dos novos depósitos voltou a decrescer no trimestre em análise, tendo diminuído 3 pontos base no segmento dos Particulares e 1 ponto base no segmento das Sociedades não financeiras, encontrando-se já muito próximo de zero.

3.5. Solvabilidade<sup>(a)</sup>**Gráfico 17 • Rácio entre o capital *Tier 1* e o ativo total e rácio de alavancagem, em % | Valor em final do período**

Fonte: Banco de Portugal.

Nota: O rácio entre o capital *Tier 1* e o ativo total deve ser visto como uma *proxy* do rácio de alavancagem permitindo um enquadramento temporal mais longo. Por sua vez, o rácio de alavancagem é calculado através da divisão entre os fundos próprios e a exposição total do sistema bancário. A metodologia estabelecida para o cálculo das componentes deste rácio encontra-se definida no artigo 429º do Regulamento (UE) nº 575/2013.

- O rácio entre o capital *Tier 1* e o ativo total aumentou 0,2 p.p. no segundo trimestre de 2017, refletindo, sobretudo, o aumento de capital do sistema bancário.
- O rácio de alavancagem cresceu 0,3 p.p. para 7,5% no trimestre em análise, devido, maioritariamente, ao supramencionado aumento de capital.

**Gráfico 18 • Rátios de fundos próprios, em % | Valor em final do período**

Fonte: Banco de Portugal.

- O rácio de solvabilidade total cifrou-se em 14,4% no segundo trimestre de 2017, o que representa um incremento de 0,5 p.p. em relação trimestre anterior.
- O rácio *Common Equity Tier 1* (CET 1) situou-se em 13,2%, o que representa um aumento de 0,6 p.p. no trimestre em análise, refletindo um aumento do capital CET 1 e uma redução dos ativos ponderados pelo risco.

(a) A transição para um novo regime prudencial em 2014 determinou quebras de estrutura dos indicadores de solvabilidade, justificadas por diferenças metodológicas no cálculo das componentes de fundos próprios, afetando a comparabilidade dos rácios relativamente a anos anteriores.

